

FÁTIMA-50

Ano IV-Nº 38

13/Junho/1970

PEREGRINAÇÃO NACIONAL
DAS CRIANÇAS



Fátima 50 vive uma hora difícil. Precisa de muito mais assinaturas, de mais e melhor colaboração, de publicidade abundante. Precisa de ser mais barata. Pois bem, a Administração da revista, propriedade do Santuário da Fátima, não hesita em baixar escandalosamente o preço da assinatura e do número avulso, passando a ser os que em baixo se indicam e que pedimos aos nossos assinantes leiam com atenção. Leiam e arranjam novos assinantes. Se os nossos amigos quiserem...

Vamos proceder ao angariamento de publicidade para servir o público e ajudar as despesas. Mas agradecemos a que vier espontânea.

Quanto à colaboração e ao corpo redactorial, esperamos dentro em breve dar notícias muito agradáveis.

Escreveram-nos alguns amigos a apresentar sugestões e a oferecer serviços. Agradecemos do fundo do coração umas e outros e ficamos ansiosos por que esse diálogo continue. Estaremos atentos para ouvir e aproveitar esse precioso contributo.

É sempre útil conhecer a reacção dos leitores e, embora às vezes se tenha de enfrentar a má vontade ou a antipatia de uns tantos, este conhecimento ajuda muito os responsáveis. Digam bem, dêem os parabéns ou digam mal apontando coisas que devem melhorar: mas digam-nos qualquer coisa.

Fátima 50 é um grito de fidelidade heroica aos sentimentos dos nossos antepassados. Mais: pretende ser também uma presença amiga e amorosa junto da Mãe de Deus e um estímulo, amparo e apoio para todos os seus filhos e devotos.

Nós não temos medo de que a profunda, filial devoção à Mãe de Deus diminua a devoção e amor para com Deus.

É por isso que nos não cansamos de, por todos os meios legítimos, tentar afervorar os nossos irmãos na devoção e amor para com a Virgem Santíssima.

Quanto aos assinantes que pagaram a assinatura pelo preço antigo trataremos, em seguida de regularizar as nossas contas.

A partir do próximo número voltamos a publicar um resumo em castelhano, francês e inglês para facilitar a inscrição de assinantes que não compreendam o português.

Agradecemos as palavras amigas que recebemos de muitos lados a mostrar o maior interesse e estima por «Fátima 50» e vamos esforçar-nos por a melhorar e pôr em dia.

Que a Virgem Santíssima nos ajude a ver claro o que é mais útil à glória de Deus e ao bem das almas. Ela paga com generosidade tudo o que se lhe dá ou se lhe faz por amor.

Não deixaremos que vozes desafinadas venham desfazer o coro magnífico de louvores pelos Portugueses entoados em honra da Mãe do Céu, desde os alvares da nacionalidade.

A Nação Fidelíssima não pode deixar de continuar fiel.

FÁTIMA-50

Ano IV - N.º 38 13 / Junho / 1970

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Propriedade do SANTUÁRIO DA FÁTIMA

Redacção, Administração e Publicidade:
SANTUÁRIO DA FÁTIMA

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 50\$00 — Exemplar avulso: 5\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 70\$00
Outros países — Assinatura anual: 100\$00
PRIX D'ABONNEMENT—12 números (un an): 100\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

Composto e impresso por GRIS IMPRESSORES,
S. A. R. L., Lisboa / Cacém.

NESTE NÚMERO

FÁTIMA E O PAPA PAULO VI—CARTA DO SECRETÁRIO DE ESTADO AO SENHOR BISPO DE LEIRIA	1
NA GRANDE PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MAIO	3
SAUDAÇÃO DO SENHOR BISPO DE LEIRIA AO SENHOR CARDEAL CARBERRY	4
HOMILIA DO SENHOR CARDEAL CARBERRY	6
A PEREGRINAÇÃO DAS CRIANÇAS — PENITÊNCIA, ORAÇÃO E FLORES	12
MENSAGEM DO PAPA ÀS CRIANÇAS	18
A URBANIZAÇÃO DA FÁTIMA	21

FÁTIMA

E O PAPA PAULO VI

Carta do Secretário de Estado do Papa
ao Senhor Bispo de LEIRIA

Do Vaticano

2 de Maio de 1970

n.º 160.34

Senhor Bispo

É para mim grato o desempenhar-me da incumbência honrosa de vir significar-lhe ter sido visto e apreciado com viva complacência pelo Sumo Pontífice o programa da próxima Peregrinação Internacional, de 12 e 13 de Maio, ao Santuário de Fátima.

De muito bom grado anuíu, portanto, ao que Lhe solicitava com a sua carta, datada de 31 de Março, próximo passado, profundamente reconhecido como está, aos Veneráveis Irmãos do Episcopado de Portugal, por terem querido, na sua última Assembleia Plenária, em atitude devota e deferente, adoptar e fazer própria a bela iniciativa de Vossa Excelência. Ou seja: propor como intenção principal para a Peregrinação as mesmas intenções do Santo Padre; e, deste modo, fazer dela o acto principal com que essa dilecta Nação Portuguesa intenta celebrar, junto de Nossa Senhora, as Bodas de Ouro Sacerdotais do Vigário de Cristo.

Foi realmente de grande conforto e alegria para o coração do Pai Comum o saber que, nesses dias, presididos pelo Eminentíssimo Senhor Cardeal John J. Carberry, Arcebispo de Saint Louis de Missouri, U. S. A., milhares de fiéis de todo o Portugal, a que virão certamente juntar-se numerosas representações de outros países, em magna assembleia, irão prostrar-se em Fátima, em devota adesão à sua veneranda pessoa, no agradecimento ao Pai das misericórdias, pelo dom do seu Sacerdócio, há meio século recebido e posto ao serviço do Povo de Deus peregrinante, e na súplica ao Dador de todas as graças, para que continue a dispensar-Lhe assistência e protecção, para seu bem e bem de todos nós.

É que, para além da sua veneranda pessoa, colocada pela Providência no vértice da Hierarquia eclesiástica, neste momento histórico, felizmente para nós, pensa o

Sumo Pontífice, qual objecto das homenagens e, sobretudo, das preces que, em 12 e 13 de Maio, de Fátima irão elevar-se, por Maria Santíssima, até ao trono do Altíssimo, em algo que a transcende e que ela por excelência representa: pensa em todos aqueles que generosamente escolheram e conscientemente aceitaram, iluminados e impelidos pela graça divina da vocação, o sacerdócio institucional da Santa Igreja, «como parte da sua herança». Por isso mesmo, reconhece Sua Santidade particular significado e actualidade a essa mobilização dos peregrinos a Fátima, para uma afirmação de fé muito oportuna e para um interesse na oração mais do que nunca necessário, em favor desses servidores do Povo de Deus, na nobilíssima missão ministerial e de caridade que é o Sacerdócio, que deles exige doação e entrega totais de si mesmos, se cabalmente querem corresponder às exigências da graça que lhes foi dada.

É por demais conhecida a particular estima e solicitude e, pode mesmo afirmar-se, carinho paterno do Santo Padre para com os sacerdotes, entre os quais ele, na sua qualidade de Vigário de Cristo, é o primeiro. Baste lembrar-se a Mensagem que aos mesmos sacerdotes dirigiu, em 30 de Junho de 1968, cujo conteúdo nestes últimos tempos bastas vezes tem sido reafirmado, com particular efusão dos referidos sentimentos, na recente alocução dirigida à Assembleia Plenária do Episcopado Italiano.

Sucede porém em nossos dias que, ao lado dos muitos padres que vivem generosamente na serenidade e na alegria a própria vocação, graças ao Senhor, não deixa de advertir-se, da parte de outros, uma certa inquietação, que chega mesmo, nalguns casos dolorosos, a tornar-se incerteza, acerca da própria condição eclesiástica. Ora isso faz com que, mais do que noutros momentos, os seus filhos mais queridos, os sacerdotes, sejam na primeira linha das intenções do Santo Padre.

Assim, espiritualmente presente, deseja Sua Santidade comungar, na fé, na esperança e na caridade, os sentimentos e a oração dos peregrinos de Fátima: por que aumente sempre a estima de todos os sacerdotes pelo dom divino que está neles, e por que os membros do Povo de Deus, com confiança e optimismo, cada dia mais apreciem e encarem com visão sobrenatural, os seus servidores, ministros de Cristo e com Ele configurados na Sua morte e ressurreição, pela vida do mundo.

E, como testemunho de benevolência, apraz ainda ao Vigário de Cristo conceder a graça que solicitava: a faculdade de o Senhor Cardeal John J. Carberry, que preside às cerimónias, poder dar a Bênção Papal, com a possibilidade de ser lucrada a indulgência plenária, observadas as condições estabelecidas pela Santa Igreja, por parte das pessoas que Vossa Excelência indicava — peregrinos presentes e quantos piedosamente seguirem os actos religiosos pela Rádio e Televisão.

Aproveito a oportunidade para renovar-lhe, Senhor Bispo, a expressão dos meus sentimentos de estima em Cristo Senhor.

J. Card. Villot

NA GRANDE PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MAIO

Apesar da chuva e do mau tempo, realizou-se nos dias 12 e 13 de Maio a costumada peregrinação à Fátima, na qual muitos milhares de peregrinos vindos dos mais diferentes pontos do Mundo, comemoraram as bodas de ouro sacerdotais do Papa Paulo VI, como primeira intenção.

A segunda intenção era pedir a beatificação dos videntes Jacinta e Francisco Marto, de cuja morte se comemora este ano o cinquentenário.

Presidiu à peregrinação Sua Eminência o Cardeal João José Cárberry, Arcebispo de São Luís do Missouri, nos Estados Unidos da América do Norte, que chegou à Cova da Iria às 7 horas da tarde do dia 12. Aguardavam-no na Cruz Alta os Senhores Arcebispos de Évora e de Mitilene, Arcebispo-bispo de Beja, Bispos de Leiria, Porto, Vila Real, Viseu, Algarve, Vila Cabral, Portalegre, Bragança, Coimbra, coadjutor de Lamego, auxiliares de Leiria e de Coimbra, o bispo resignatário de Coimbra, e os titulares de Madarsuma, Heliossebasté, Tiki-lava, Telepte e Jerafi. Depois de apresentados os cumprimentos, organizou-se um cortejo que se dirigiu à Capela das Aparições

onde todo o cortejo se deteve por alguns momentos a orar diante da imagem de Nossa Senhora. Em seguida, junto do altar exterior da Basilica, o Senhor Bispo de Leiria dirigiu as boas-vindas ao Senhor Cardeal. O Cardeal americano agradeceu em italiano.

TRÍDUO E VIGÍLIA

De 9 a 11 o Senhor Dom Alberto Cosme do Amaral, bispo auxiliar de Coimbra, prégou na Basilica como pregação da peregrinação.

Às 18,30 horas do dia 12 organizou-se uma procissão da Capela das Aparições para o Calvário Húngaro, no monte de Aljustrel, fazendo a Via-Sacra com meditações orientadas pelo Rev. P.^o Fernando Leite, director nacional da Cruzada Eucarística das Crianças. Na Capela de Santo Estêvão, o Senhor bispo auxiliar de Leiria presidiu a uma concelebração de 3 sacerdotes, durante a qual receberam a sagrada comunhão muitos peregrinos.



Saudação do Senhor Bispo de Leiria ao Senhor Cardeal Carberry

Eminência Reverendíssima

É com a maior alegria e satisfação que, neste lugar sagrado onde há 53 anos apareceu Nossa Senhora, tenho a honra de receber Vossa Eminência Reverendíssima, Senhor Cardeal João Carberry, da América do Norte.

E faço-o, não só em nome da Diocese de Leiria e deste Santuário de Fátima, de todos os peregrinos que hoje e amanhã aqui vêm em devota romagem, mas também no meu próprio nome. Não posso, na verdade, de modo algum esquecer aquele dia 12 de Novembro de 1967, termo da viagem histórica à volta do Mundo, com os membros do Exército Azul de Nossa Senhora, para entregar a 25 nações outras tantas imagens de Nossa Senhora Peregrina. Esse dia ficará para sempre gravado na minha memória agradecida e na de quantos aí estiveram presentes — e foram muitos milhares — de Columbus (Ohio) — então teatro do zelo apostólico de Vossa Eminência Reverendíssima —, e de toda a parte da América do Norte.

Ao finalizar essa histórica peregrinação de Nossa Senhora à volta do Mundo, no meio da mais devota e calorosa recepção até aí verificada, tive a grande satisfação de confiar a Vossa Eminência a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, a Virgem Peregrina dos Estados Unidos da América. É pois, do fundo da alma que apresento a Vossa Eminência Reverendíssima os mais sinceros cumprimentos de boas-vindas a esta terra de Fátima e a Portugal, Terra de Santa Maria.

Meus caros peregrinos

Sua Eminência Reverendíssima, o Arcebispo de S. Luís de Missouri, que hoje temos a honra de ver presidir a esta peregrinação anual ao nosso Santuário, tem sido, ao longo de toda a sua vida, um grande e valoroso lutador em defesa de Maria, Mãe da Igreja.

A sua primeira Carta Pastoral, como Arcebispo, foi uma exortação à reza fervorosa do terço. «Que o Rosário, escrevia Sua Eminência, seja a oração predilecta das nossas famílias católicas e que todos nós procuremos conhecer melhor Maria, contar sempre com Ela nos nossos empreendimentos e problemas, imitar, na vida de cada dia, as suas virtudes».

A Nossa Senhora dedicara, aliás e desde sempre, todo o seu trabalho de padre; e às almas, que sucessivamente lhe foram confiadas, sempre as animou a voltarem-se para Maria, em todas as circunstâncias.

Recentemente, em reconhecimento da sua devoção entra-nhada e esclarecida a Nossa Senhora, foi nomeado Membro Honorário da Academia Pontifícia Internacional Mariana.

E neste mesmo momento em que o temos a dirigir a nossa Peregrinação, está a ser entronizada, na Sua Sé Arquiepiscopal, a estátua da Virgem Peregrina.

O trabalho de Sua Eminência na Igreja dos Estados Unidos afirmou-se brilhantemente noutros sectores. Nos lugares que ocupou, como Pároco, Professor, Chanceler da Cúria e nas

mais variadas missões, deixou bem visível a marca dos seus vastos talentos e recursos humanos e sobrenaturais, pondo sempre tudo ao serviço de Deus e das almas.

Chamado ao munus do Episcopado, a sua influência benéfica depressa se fez sentir em toda a América. Dirige desde há alguns anos a Comissão Americana dos Bispos para o Ecumenismo, e todos, ainda os não católicos, nele reconhecem o homem que compreende o alcance e valor do verdadeiro ecumenismo e nele confia, sem deixar diminuir nunca em si uma devoção inabalável à Igreja de Cristo, à sua fé e doutrina, como mais de uma vez o confessaram publicamente os mais representativos membros de outras Confissões e os não crentes.

Conhecedor profundo dos gravíssimos problemas de carácter social em que se debate no nosso tempo a sua própria Pátria, não deixou o Eminentíssimo Cardeal Carberry de tomar medidas enérgicas e concretas à luz das grandes Encíclicas Papais, particularmente de João XXIII e Paulo VI, para ajudar a descobrir-lhes uma solução humana e equitativa.

Sob o seu impulso decisivo e clarividente, a Arquidiocese de S. Luís transformou-se num centro de cultura litúrgica para toda a América, de formação de um escol católico, verdadeiro suporte de vida cristã nas famílias de hoje.

Todo este programa de acção apostólica e o mais que não é possível recordar nestes breves momentos, o realizou o Eminentíssimo Cardeal Carberry sob a égide da Mãe Santíssima, como, de resto, o faz supor eloquentemente o significativo lema das Suas Armas de Fé — «Maria, minha Rainha e minha Mãe».

Tal é a traços largos a alta personalidade que quis nestes dias honrar com a sua presença o Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Obrigado, Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor!

Com licença de Vossa Eminência, quero também dar as boas-vindas aos 225 peregrinos que acompanharam Vossa Eminência Reverendíssima desde a América; aos numerosos peregrinos de outras nações de fala inglesa; aos de outras nacionalidades dos vários continentes e aos peregrinos, meus compatriotas. Que Nossa Senhora vos acolha nesta Sua casa e vos alcance de Deus as mais assinaladas graças, para vós, para as vossas famílias, para as vossas terras.

Desejo ainda aproveitar esta oportunidade para patentear, mais uma vez e publicamente e perante Vossa Eminência, o meu grande reconhecimento ao Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima que, tendo nascido na América do Norte, hoje se encontra espalhado no Mundo inteiro e em toda a parte desempenha papel de grande relevo, por vezes decisivo, na difusão da Mensagem de Fátima. Que Nossa Senhora o abençoe e proteja e aos seus membros, aos seus fundadores, dirigentes e militantes.

Para terminar, peço a Vossa Eminência Reverendíssima Se digne lançar sobre nós a Sua Bênção de Pai e Pastor.



HOMILIA DO Senhor Cardeal Carberry

A minha primeira palavra é uma palavra de saudação no Senhor a todo o povo de Deus aqui reunido para honrar a Mãe de Deus. Rejúbilo por estar unido ao meu querido irmão o Bispo de Leiria, aos Bispos e outros Sacerdotes aos queridos religiosos e religiosas e a esta grande multidão de dedicados membros do laicado nesta circunstância tão comovente e de tão alto significado.

Encontrar-me neste lugar sagrado, nesta região, neste santo aniversário é, na verdade, uma experiência impressionante. Encontro-me precisamente no lugar onde Nossa Senhora falou aos pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, e lhes revelou os segredos do seu Coração e do seu amor e o que é preciso para a salvação dos homens e para a paz do mundo. Oh! Como é fácil fazer uma ideia dos acontecimentos de 13 de Outubro de 1917, quando mais de 50 000 pessoas testemunharam aquele estranho acontecimento no céu que ficou conhecido por «o milagre do Sol».

Quantas vezes tenho ouvido falar da fé e do amor de Deus do povo português, do seu espírito de sacrifício e da sua grande estima pela oração. Agora vejo-o com os meus olhos na multidão imensa que tenho diante de mim e estou certo de que a lembrança desta magnífica assembleia me há-de servir sempre de inspiração e de conforto. Aonde quer que eu vá, terei sempre o prazer de falar do vosso amor à Mãe de Deus, devoto povo de Portugal. Sinto o maior prazer e alegria em estar convosco e com os inúmeros peregrinos de muitos outros países do mundo. Mas sinto-me particularmente feliz em ver aqui o grande número de americanos, incluindo os 200 devotos de Maria que me acompanham nesta peregrinação.

Em Washington, D. C., capital dos Estados Unidos, os católicos Americanos construíram um grandioso santuário dedicado a Nossa Senhora sob o título da Imaculada Conceição. Sentimos realmente gosto de lhe ter prestado esse tributo, mas, aqui na Fátima, peço a Maria SS.^{ma} que torne esse Santuário mais conhecido e mais amado não só pela beleza das suas linhas arquitectónicas, das suas magníficas capelas e do seu aspecto majestoso mas por ser um verdadeiro manancial de onde jorre para os corações de todos os homens renovado amor, devoção e dedicação a Ela, a Mãe de Deus, e Padroeira dos Estados Unidos, sob o formoso título da Imaculada Conceição.

Há certamente entre o vosso povo e o nosso íntimas relações, porque foi da Península Ibérica, há cerca de cinco séculos, que Cristóvão Colombo embarcou para aquela grande viagem de exploração, aquela gloriosa aventura, como podemos chamar-lhe, que terminou com a descoberta do Novo Mundo. Por isso, devemos

considerar-nos para sempre em dívida para convosco. E na devoção a Maria, também temos seguido os vossos passos, porque Ela é honrada na minha nação como nossa Padroeira sob o título de Imaculada Conceição.

Ao olhar para esta enorme multidão, penso no belo título que o Papa Paulo VI deu a Nossa Senhora durante o segundo Concílio — Mãe da Igreja. Em Outubro de 1963, os Bispos de todo o Mundo reunidos na Basílica de São Pedro, em Roma, deliberaram acrescentar um capítulo especial mariano à Constituição da Igreja que estava então a ser discutida. Os teólogos são de opinião que nunca, em nenhum outro documento conciliar anterior, houve mais profunda e mais bela expressão da sua dignidade do que a emitida por este concílio.

O texto chama a atenção para o grande privilégio de ser a Mãe de Deus e Mãe do Redentor, em virtude do que, como o documento declara, «Ela é também a Filha predilecta do Pai, no templo do Espírito Santo. Por causa deste sublime dom da graça Ela está muito acima de todas as outras criaturas, tanto no céu como na terra».

O documento continua então a dar testemunho da sua posição:

«claramente Mãe dos membros de Cristo ... visto que Ela cooperou por amor, para que pudessem nascer na Igreja os fiéis, que são membros de Cristo, sua Cabeça.

Portanto Ela é saudada como proeminente e ao mesmo tempo singular membro da Igreja, e como modelo e excelente espelho da Igreja em matéria de Fé e de Caridade. Assistida pelo Espírito Santo, a Igreja Católica honra-A com filial afecto e piedade como a Mãe bem-amada».

Maria é de facto a Mãe da Igreja e a Mãe de cada um de nós. E aqui, na Fátima temos uma memória viva do seu aparecimento entre nós para tornar conhecido o seu amor e o seu carinho para connosco.

Neste recinto sagrado, há mais de 50 anos, dignou-se a Mãe de Deus falar a toda a humanidade, em palavras que ecoaram por todo o mundo, palavras que estão contudo ainda longe de terem a aceitação que Ela desejava.

Cedo a morte levou as duas crianças mais novas que tiveram o privilégio de a ver. Pensamos que estão com Deus. Mas a terceira vidente, pela Providência de Deus, permanece entre nós como religiosa carmelita, para rezar por nós e recordar-nos a mensagem de Nossa Senhora.



Se há uma palavra que nos dê a essência dessa mensagem é a palavra paz. Se há um grito forte que se eleva hoje de um mundo inquieto e atormentado, é para pedir a paz.

Assentará numa ilusão esse desejo universal de paz? Para sermos leais para conosco, devemos admitir que o ideal da paz, humanamente falando, parece quase inatingível. A nossa geração, e até a geração anterior à nossa, mal teve um ano sem a agonia da guerra em qualquer parte do mundo. A maior parte da nossa economia, está engrenada na guerra. A nossa prosperidade, por estranha e amarga ironia, assenta, em grande parte, na produção de armamento. Homens bons e sinceros falam de paz e lutam pela paz, mas há também na nossa natureza humana um egoísmo orgulhoso que se nega a fazer os sacrifícios exigidos pela paz. Há de facto quem fale de democracia, e, ao mesmo tempo, leve a cabo uma cruel supressão das legítimas aspirações humanas.

Uma paz perfeita, é claro, não se alcança facilmente. Se for possível obtê-la, só se conseguirá por meio da espada do espírito. Para haver paz no mundo, é preciso primeiro que ela rompa para o coração de um número suficiente de pessoas singulares.

Esta é a paz que vem até àqueles que procuram conhecer e cumprir a vontade de Deus.

Devemos notar que Nossa Senhora pediu aos três pequenos que oferecessem sacrifícios pelas intenções que Ela lhes indicou.

— Tratar-se-ia de sacrifícios insólitos e de extraordinárias penitências?

— Não! Nossa Senhora disse claramente que o seu desejo podia ser satisfeito nas condições da vida normal.

Há tantas oportunidades de fazer penitência na vida quotidiana de cada um de nós!

Há na luta do dia a dia a penitência que cada um de nós tem de fazer contra a inclinação à desobediência, à deslealdade, ao pecado em todo o seu horror. Que dramático o apelo de Nossa Senhora para prestarmos atenção a isto quando numa das aparições às três crianças, lhes mostrou, em visão, os horrores do inferno!

Mas nós também temos oportunidades de fazer penitência. A penitência está ao nosso alcance nas pequenas ou grandes cruzes da vida de cada dia. Há as inevitáveis frustrações, os desentendimentos e ingratidões que encontramos, a doença física que nos abate. Há o trabalho excessivo de cada dia em casa, na fábrica ou na escola. Temos hoje na Igreja a perturbação que pode causar grandes aflições: uns que resistem até a modificações aprovadas pela autoridade; outros tão impacientes que ousam lançar censuras até contra o próprio Santo Padre.

De muitas outras maneiras se manifesta a renovação da Igreja. E muitos têm dificuldade em se adaptar às rápidas e trépidas modificações que cada dia aparecem. Só ficando humildes, de espírito aberto e generoso no amor de Deus, do próximo e da Igreja, poderemos manter a nossa paz de espírito no meio de tais dificuldades.

Maria pode obter-nos a chave para essa paz se nos voltarmos para Ela com amor e devoção de crianças, se vivermos a sua mensagem na nossa vida quotidiana, e fizermos tudo o que pudermos para trazer outros para Ela, e, por meio dela, para Cristo. O principal desejo de Nossa Senhora e o que Ela pede a Deus é que cada um dos seus filhos possa gozar uma paz genuína de espírito e de coração. Mas Ela manifestou claramente aqui

na Fátima que, também no plano internacional a oração e a penitência são essenciais. Considerando apenas os recursos humanos, poderíamos facilmente desanimar diante da aparente falta de progresso para a paz do mundo, não obstante tantas conferências de dirigentes e diplomatas mundiais. Aqui, neste lugar santo, embora olhando para o mundo como Nossa Senhora o viu quando aqui apareceu não podemos deixar crescer o desânimo nos nossos corações. Pela intervenção de Maria é possível obter paz verdadeira e duradoura, uma paz com justiça, uma paz fundada na honestidade entre todos os homens, paz baseada na compreensão e amor entre os homens de todas as nações e todas as raças. Procuremos trazer hoje à lembrança o pedido especial feito por Nossa Senhora da Fátima. Pediu Ela que, como indivíduos e como representantes das nações do mundo, nos consagremos ao Seu Coração Imaculado, aquele Coração que está a transbordar das graças de que Deus a encheu como a sua Mãe.

Durante as suas amorosas visitas às três crianças, neste santo local Nossa Senhora também pediu que se rezassem muitos rosários, e que no primeiro sábado de cada mês os seus fiéis passassem 15 minutos em meditação sobre um tema tirado dos mistérios do Rosário, que são, na verdade os mistérios da própria vida de Cristo. O Rosário também hoje em alguns sítios é atacado. Há quem o considere uma gasta relíquia do passado.

Convém lembrar a história de Naaman o leproso, que, a princípio, estava relutante em obedecer ao Profeta Eliseu em vista da simplicidade da cura para a sua lepra que era banhar-se sete vezes no rio Jordão. Todavia, quando finalmente seguiu as directrizes que lhe tinham sido dadas, logo ficou curado. Aqueles que hoje têm relutância em fazer uso do Rosário, levemo-los a ponderar que foi Nossa Senhora que o pediu, e, obedecendo ao seu pedido, rezando o Rosário, não de forma rotineira mas com recolhimento e devoção, também nós podemos achar a cura da nossa doença espiritual.

Como o nosso Santo Padre disse este ano na Sua mensagem para o Domingo da Paz Mundial:

Não é possível pelos métodos experimentais do nosso mundo material e temporal ver qual seja o resultado do poder espiritual da oração feita com fé. Mas não deixará de produzir frutos. A oração feita com fé nunca será estéril.

Nesta sagrada reunião que fazemos para prestar as nossas homenagens a Nossa Senhora pedimos-lhe, antes de mais, que console, proteja e fortaleça o nosso Santo Padre, o Papa Paulo VI, o valoroso, paciente e sofredor campeão mundial da paz, da verdade e da Igreja. É ele o sucessor de S. Pedro, a rocha sobre a qual a Igreja foi fundada, e o Vigário de Cristo na Terra. Por ele faz Cristo orações especiais e do Espírito Santo recebe ele as graças de que precisa para bem se desempenhar do pesado cargo e das graves responsabilidades que pesam sobre os seus ombros.

Por intenção do Santo Padre oramos com o maior fervor e fazemos-lhe preito do nosso amor, devoção, afecto, lealdade, obediência e orações, nesta hora, e de modo especial renovaremos todos estes sentimentos por ocasião do 50.º aniversário da sua ordenação sacerdotal que se celebra no próximo dia 29 deste mês de Maio.

Pedimos ainda a Maria SS.ª se digne abençoar-nos a cada um de nós, aos membros queridos das nossas famílias, aos nossos amigos, e às várias nações donde viemos. Pedimos-lhe que lance olhares de bondade sobre os cinco continentes cujos representantes aqui presentes mostram à evidência a uma humanidade dividida que é possível aos homens amarem-se uns aos outros e trabalharem todos juntos numa causa comum.

Que Nossa Senhora nos encha a todos de firme e profundo amor a Seu divino Filho; que Ela fortaleça a nossa fé e a nossa confiança n'Ele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Em nome de todos nós aqui presentes, volto-me para Nossa Senhora e rezo, como o Papa Paulo VI antes de mim rezou:

«Maria, Rainha da Paz, alcançai-nos a paz de alma, a paz nas nossas nações, a paz para o Mundo».



A procissão das velas

Às 22 horas o recinto estava cheio de peregrinos que resistiam ao frio e à chuva que por vezes molhava tudo e todos. Rezou-se o terço e expôs-se o Santíssimo Sacramento para a vigília eucarística com leituras de trechos bíblicos e meditações pelo Senhor Dom Alberto Cosme do Amaral.

Efectuou-se em seguida a procissão eucarística, pelo recinto. Levaram o pálio os cadetes da Academia Militar e alunos do Colégio Militar. Levou a sagrada custódia, o Senhor Dom Eurico Nogueira, bispo de Vila Cabral, Moçambique.

As cerimónias do dia 13

Toda a noite choveu e de madrugada o recinto estava encharcado, o que não impediu que muitos milhares de peregrinos suportassem com admirável resignação e espírito de sacrifício esta penitência, para assistirem às cerimónias, que apesar do tempo se celebraram fora da Basílica.

A missa de comunhão geral foi celebrada na Basílica e aqui foi distribuída durante toda a manhã, por dezenas de sacerdotes, a sagrada comunhão a muitos milhares de fiéis.

As dez horas começou a reza do terço, junto da Capelinha das Aparições. Seguiu-se a procissão para a Colunata do lado norte, onde as cerimónias se realizaram num altar da Via-Sacra, por a chuva não permitir a utilização do altar exterior da Basílica, debaixo do baldaquino ali existente.

A imagem de Nossa Senhora foi colocada ao lado do altar. A um lado, 189 doentes em macas e cadeirinhas de rodas, para ali conduzidos pelos dedicados servitas. Do outro lado, os Prelados que na véspera aguardaram o Cardeal Cárberry e mais Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, que assistiu em lugar especial.

A missa oficial foi celebrada pelo Senhor Cardeal Cárberry acolitado pelos Rev. Dr. Horácio Cristino e Cônego José Galamba de Oliveira.

Num lugar de relevo, assistiu o Chefe do Estado, sua Ex.^{ma} Esposa e netos.

Depois do Evangelho, o Arcebispo de S. Luís proferiu uma homília, que foi resumida em português, e cujo texto damos noutro lugar.

Terminado o santo sacrifício da missa, o Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão leu a Mensagem do Papa em carta do Secretário de Estado ao Senhor Bispo de Leiria.

Entretanto, o panorama do recinto era estranho para um dia 13 de Maio. A chuva obrigara alguns peregrinos a procurar refúgio nas colunatas, nas camionetas e automóveis, nas casas particulares, hotéis, pensões e casas de comércio e daí seguiam as cerimónias através da rádio e da televisão. Mesmo assim viam-se grupos compactos de fiéis junto da capelinha, da azinheira e das duas casas dos Retiros, que não davam ideia dos muitos milhares de peregrinos que haviam acorrido à Fátima para assistir às cerimónias da peregrinação.

A bênção dos doentes

Depois da leitura da carta do Santo Padre, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa dirigiu algumas palavras aos peregrinos a quem afirmou que «orar pelo Papa, é orar pelo Mundo, é implorar que o Senhor continue no Mundo a Sua obra de Salvação».

A bênção dos doentes foi dada pelo Cardeal Cárberry, enquanto a multidão repetia as habituais invocações a Jesus Sacramentado e pedia a cura dos enfermos.

As cerimónias terminaram com a procissão do Adeus, na qual tomaram parte os Cardeais, Bispos, sacerdotes e muitos milhares de peregrinos. O Chefe do Estado, Senhor Almirante Américo Tomás e Esposa tomaram igualmente parte na procissão da condução da imagem de Nossa Senhora para a Capela das Aparições.

O Bispo de Ratisbona, Dr. Rudolfo Grabber, grande devoto de

Entre os bispos que assistiram às cerimónias, encontrava-se Nossa Senhora de Fátima, que até à sua sagração episcopal foi director do jornal «Bote von Fátima», fundado em 1934 pelo Rev. Dr. Luís Fischer, grande devoto e autor de vários livros sobre Fátima.

Também estiveram presentes mais de 200 peregrinos de diversos locais da Alemanha, e muitos grupos da Áustria, França, Suíça, Espanha, Itália, América do Norte, Canadá e outros países.

Tomou ainda parte nas cerimónias um grupo de 40 peregrinos, nativos da Guiné Portuguesa, que vieram à Cova da Iria sob a presidência do Pároco de Bissau, Rev. P.^o José Afonso Lopes.

No hospital foram tratados os pés de 3000 peregrinos e fizeram-se ainda muitos outros tratamentos a vários doentes. Ali trabalharam dia e noite 120 servitas, dos quais 14 médicos e 90 servitas senhoras.

A Emissora Nacional, Rádio Renascença e Rádio Televisão Portuguesa transmitiram as cerimónias.

Os nossos bispos





Dois novos Servitas

Grupo de doentes





O Chefe da Nação

A multidão dos fiéis





A PEREGRINAÇÃO DAS CRIANÇAS PENITÊNCIA, ORAÇÃO E FLORES

Com uma numerosíssima representação de todas as dioceses da Metrópole e de algumas do Ultramar e da Espanha, realizou-se, no dia 7 de Junho, uma das mais lindas manifestações de fé e de piedade que algum dia se puderam contemplar na Cova da Iria.

O tempo, que na véspera estivera horrível, com chuva, vento e frio e ameaçava continuar na mesma, trouxe-nos uma agradável surpresa. O céu continuava ainda com nuvens escuras e ameaçadoras. Mas foi só a meter medo. Nem chuva, nem frio, nem vento, nem calor: um dia com tempo de encomenda para os pequeninos peregrinos.

Assim, as crianças, sem um desmaio que o sol poderia ter provocado, sem o incômodo da chuva, aguentaram um programa algo cheio de mais para a sua idade.

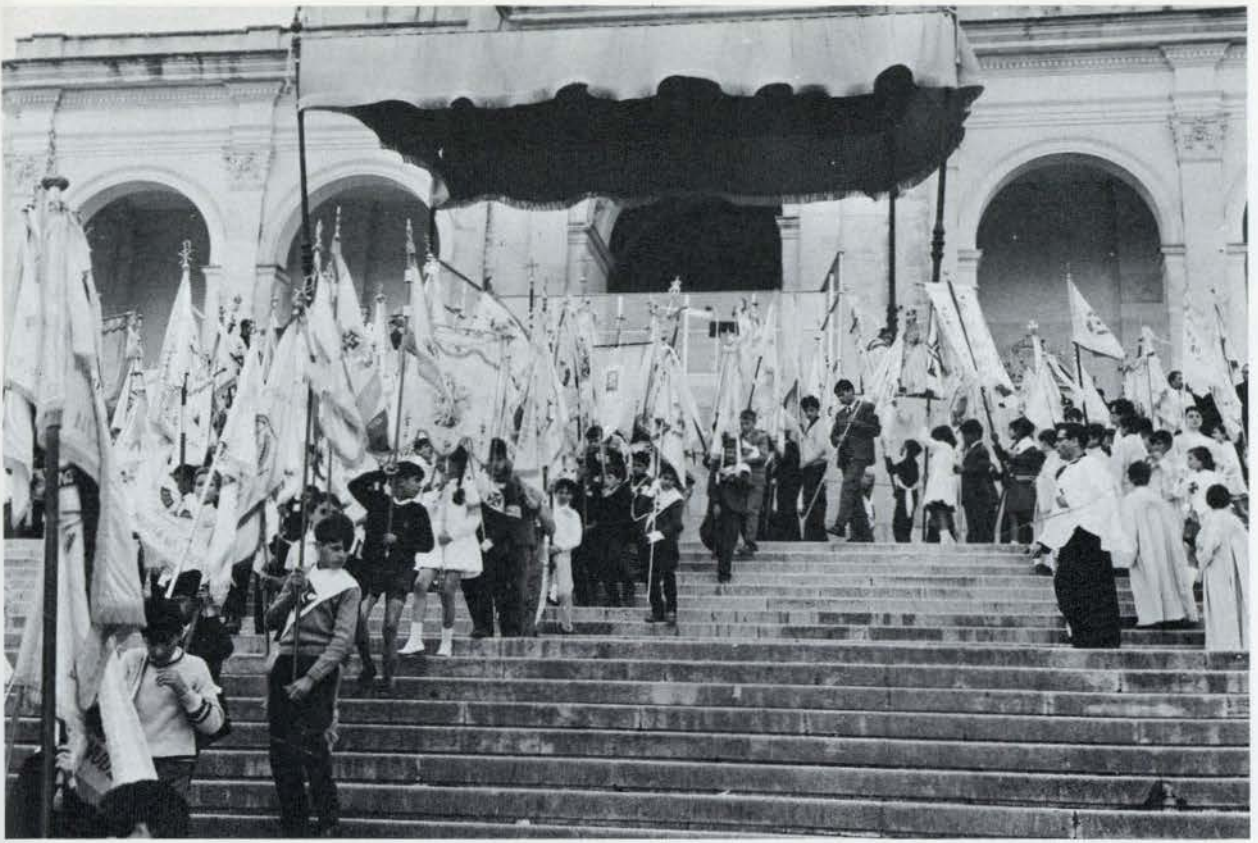
Desde a concentração junto da cruz alta, às 10 horas, até à despedida de Nossa Senhora junto da Capelinha, às 2,30 da tarde, a Cova da Iria foi um céu aberto.

Não havia Polícia de Viação, mas os milhares de motoristas de viaturas ligeiras e pesadas que pejavam os vários parques souberam manobrar de tal sorte que não houve desastres. Apenas várias crianças perdidas de seus grupos que finalmente vieram a encontrar. E à tardinha, por volta das 5 horas, a esplanada do Santuário voltava ao recolhimento e à solidão dos dias normais.

Mas a véspera não fora assim. A noite, havia já na Cova da Iria centenas de camionetas com milhares de peregrinos adultos e pequeninos.

Organizou-se a procissão das velas com o Santíssimo Sacramento com intenção de fazer a adoração nocturna. Entretanto, a chuva e o frio foram de tal ordem que, dada a bênção do Santíssimo Sacramento, se renunciou à adoração no exterior.

E todos se lamentavam e alguns até nos pediam contas do tempo que fazia para uma peregrinação destas, uma peregrinação de crianças. A grande maioria dos adultos e crianças dormiu nas camionetas.





No domingo, porém, estavam frescos e alegres como se não fosse nada com eles. E com óptimo aspecto. Não havia crianças miseráveis, não havia maltrapilhos. Mais modestas ou menos, todas as crianças vinham bem vestidas, limpas, com aspecto de saúde, a não ser alguns inadaptados.

E se o nosso coração rejubilava diante de tal espectáculo, como não exultaria no Céu o Coração Imaculado de Maria, seu Filho Unigénito e os Anjos do Senhor!

Que lindo dia!

Ao sair, partimos todos contentes, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca que presidiu, o Senhor Bispo de Leiria e os seus Venerandos Colegas, o Senhor Arcebispo resignatário de Coimbra e os Senhores Bispos da Guarda e Auxiliar de Leiria. Iam radiantes as crianças e os pais, os párocos, os catequistas, os professores.

Duas pessoas estavam singularmente contentes: O Senhor P.^o Kondor, vice-postulador da Causa da Beatificação dos Videntes Francisco e Jacinta, e o Senhor P.^o Fernando Leite, o grande promotor e organizador da campanha que rematou com a peregrinação.

E com razão. Os pequenos senões da organização só vieram pôr em melhor luz o bom espírito da nossa gente e a grandeza da multidão presente.

Pouco depois das 10 horas, estava feita a concentração das crianças junto da estátua de Paulo VI. Desde aí até ao fundo da escadaria estendia-se em duas enor-

mes alas uma multidão de mais de 100 mil peregrinos adultos que queriam ver passar o cortejo das crianças com as suas bandeiras. Estas começaram a desfilar lentamente, seguidas dos grupos das crianças vindas de todo o Portugal, desde Trás-os-Montes ao Algarve.

E era lindo de ver. Trajos garridos ou simples, de uniforme ou de vestidos policromos à singela maneira popular, representantes de paróquias, de escolas, Cruzadas Eucarísticas, catequeses, colégios com as suas mestras Religiosas, dava gosto realmente contemplar esta parada de inocência, de piedade e de amor das crianças de Portugal.

Sim, das crianças de Portugal. É que as cinquenta mil ali presentes bem se podiam considerar representantes do meio milhão ou mais que desejariam vir e não puderam, muitas das quais escreveram a Nossa Senhora e ao Papa a dizer isso mesmo e a pena de não poderem estar cá neste dia.

O cortejo terminou. Da Capela das Aparições incorporou-se ali em frente a Veneranda Imagem de Nossa Senhora. Precedem-na os mencionados Venerandos Prelados e muitos sacerdotes de um e outro clero.

As bandeiras que se haviam postado ao alto, dum lado e doutro do altar, desceram até meio da escadaria num friso vivo, original, multicolor. Depois voltaram, com a Senhora, a reocupar os seus lugares.

Paramentados os 21 concelebrantes — Bispos e presbíteros —, começou a Santa Missa.







A esplanada oferecia o espectáculo dos dias grandes e a multidão era mais numerosa e mais piedosa, mais concentrada do que em muitos dias 13. Como o tempo convidava, toda a gente ficou na esplanada e a multidão era compacta. E rezava e cantava.

O coro juvenil era fraquito. Durante o cortejo houve certa confusão de coros. Mas, na missa, dava gosto ouvir a assembleia tomar parte na Sagrada Liturgia da Celebração da Palavra e do Sacrifício Eucarístico propriamente dito. Uma Missa vivida, sentida. Acolitam o presidente da Concelebração o Rev. Beneficiado Canas e o Rev. P.^o Kondor.

Após o Evangelho, Sua Eminência recordou às crianças e aos adultos numa linguagem simples, em termos sentidos e afectuosos, a Mensagem que Nossa Senhora, para nós e para eles, confiara aos pastorinhos, e foi recordando com as palavras delas o seu amor à Santa Igreja, ao Coração Imaculado de Maria, ao Papa, ao Santíssimo Sacramento.

A comunhão, cerca de 35 mil pessoas puderam, nos seus lugares, receber o Pão da Vida.

Terminada a missa na qual, durante a oração dos fiéis, três criancitas em português, em inglês (uma australiana), e em espanhol (uma espanhola) fizeram invocações especiais, e ao ofertório, uns tantos vieram ao altar trazer vasos sagrados com hóstias e uma garrafa

com vinho para o Santo Sacrifício, e muitas dezenas delas vieram depor no sopé do altar as listas e cartas com os sacrificios feitos — a alma desta peregrinação —, o Santo Padre pronunciou a sua mensagem.

Estava quase tudo terminado. Antes, porém, o Senhor Bispo de Leiria dirigiu-se às crianças a perguntar-lhes se haviam gostado de ouvir a mensagem do Papa. A resposta veio como um trovão, cheia de sinceridade e de entusiasmo. Pois se, espontaneamente, haviam dado vivas ao Papa ao acabar a mensagem ... Com o mesmo calor rezaram pelo Papa, pelas crianças que não puderam vir, pela beatificação dos pastorinhos e aclamaram o seguinte telegrama que o Senhor Bispo lhes leu:

«Sua Santidade Paulo VI

Cidade do Vaticano

Crianças reunidas Santuário Fátima sob presidência Em.^{mo} Cardeal Patriarca e Bispos presentes oferecem Virgem Santíssima suas orações e sacrificios ocasião cinquentenário ordenação sacerdotal Vossa Santidade, pedem beatificação pastorinhos Francisco e Jacinta, agradecem mensagem e bênção apostólica prometem amar sempre Santa Igreja e Vossa Santidade como o próprio Jesus.

Bispo de Leiria»

Mensagem do Papa para as crianças

«Crianças, peregrinos da Fátima:

Quisestes vir a Fátima rezar pelo Santo Padre. Não podendo ir aí, em pessoa, agradecer, é Ele mesmo que vos fala, neste momento, para dizer:

MUITO OBRIGADO! Estou contente com os meninos e meninas: pelas orações, pela amizade, pela bondade e pela alegria de todos vós, nesta hora. E, por detrás de vós lá em casa, na vossa terra, estão as vossas famílias, as vossas paróquias e as vossas escolas, que vos ensinam o bem: para elas, um Nosso benevolente pensamento agradecido e uma palavra de estímulo e de bênção.

Depois, o terdes vindo à Fátima indica os vossos bons propósitos de quererdes fazer tudo o que se deve fazer, para ir para o Céu. Pois bem: para isso, sede sempre bons, como eram o Francisco e a Jacinta, e, como eles, rezai, rezai, rezai muito!

Para que assim seja, vos abençoamos, com grande afecto».

Junto da estátua de Paulo VI, o Sr. P.^e Kondor no princípio do cortejo saudara Sua Em.^{cia}, os Senhores Bispos, os Sacerdotes, Pais, Professores, Catequistas, responsáveis pelo ensino e formação das crianças e os próprios meninos e meninas e para estes resumiu o que eles vinham fazer e para que vinham até aqui.

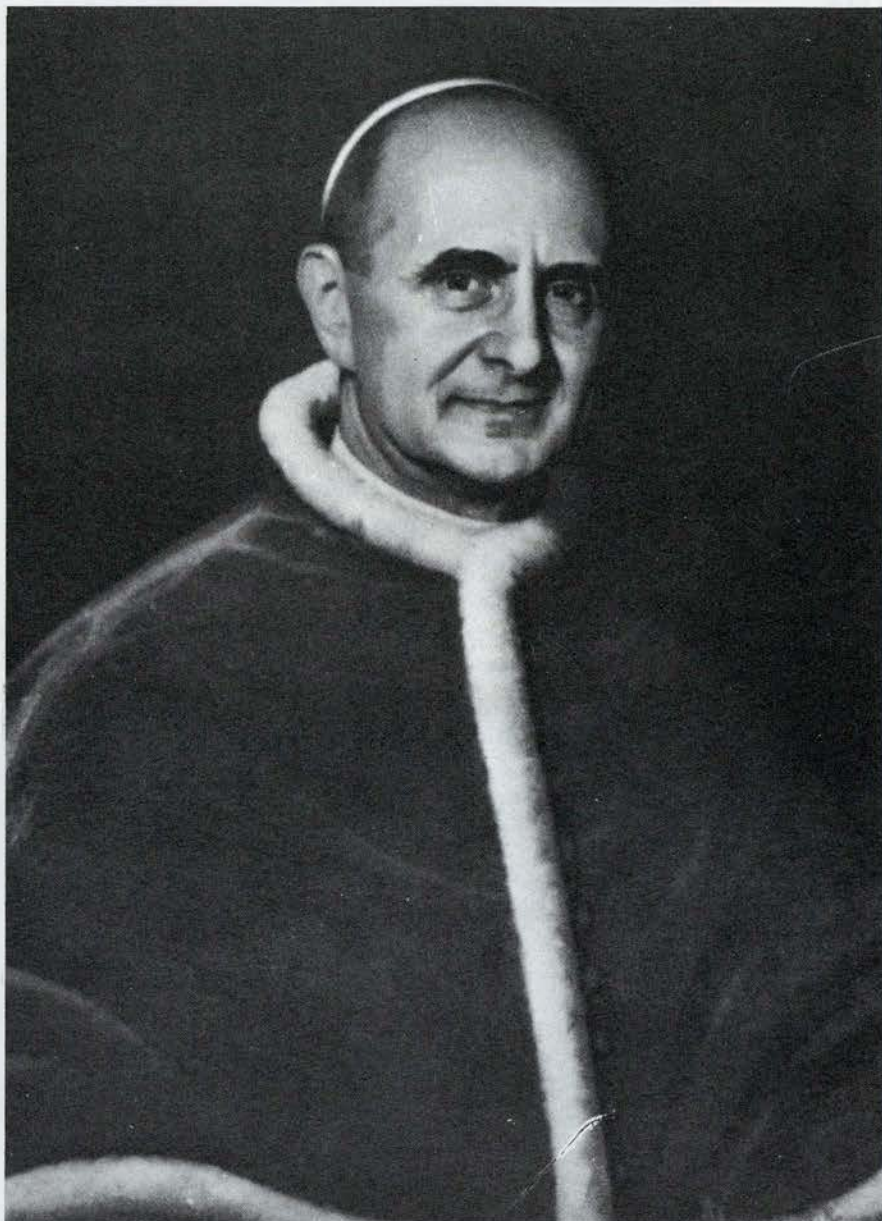
Isso já vinha indicado no Roteiro da peregrinação no encerramento deste cinquentenário da morte dos Videntes Francisco e Jacinta e da Ordenação Sacerdotal de Sua Santidade o Papa Paulo VI. Era a pedir:

*Paz para o mundo e para a Santa Igreja;
Luz e graça para o Santo Padre;
e a glorificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta.*

Podem dar-se por satisfeitos os promotores e realizadores desta comemoração.

Assim o disse o Senhor Bispo de Leiria e Sua Eminência no fim do almoço íntimo no Santuário diante dos Senhores Bispos e de treze outros sacerdotes de várias dioceses, ao agradecer a Sua Em.^a o ter-se dignado presidir a este acto.

E Sua Em.^a confessou que, incrédulo a princípio, se converteu depois e veio a acreditar nas aparições, ao tomar contacto com os admiráveis milagres de ordem moral aqui realizados, ao meditar na riqueza do conteúdo da mensagem e na sua influência no mundo inteiro e na transformação religiosa de Portugal, cujo coração pulsa aqui na Cova da Iria.



Paulus PP VII-

Salesianos na Fátima



Sacerdotes

fiéis



A Urbanização da Fátima

por

Francisco Pereira de Oliveira

1 — A regularização do recinto

Enquanto as entidades oficiais se não pronunciavam por um projecto definitivo de urbanização, a direcção do Santuário não podia ficar paralizada, à espera que ele surgisse. Tornou-se necessário «arranjar» o terreno onde os peregrinos pudessem circular com a possível comodidade. Optou o Prelado da diocese pelo ante-projecto dos architectos Cristino e Korrodi, em obediência ao qual se construíram dois edificios destinados ao albergue dos doentes e as duas Casas de Retiros. Foi construída a chamada Avenida Central para acesso dos portões ao fontanário. Foram ainda principiadas as duas ruas que dos portões davam acesso aos Hospitais. Devido à configuração do terreno, uma cova (a Cova da Iria), tornou-se necessário construir muros de pedra, para suporte dessas ruas, o que originou a formação de duas grandes depressões com mato e azinheiras nascidas espontaneamente. No suporte do fontanário foram colocadas torneiras para alimentar os peregrinos da água provinda do poço mandado abrir na rocha a poucos passos da Capela das Aparições. Durante muitos anos, no próprio recinto, se permitiu que crescessem as azinheiras que serviam de protecção aos peregrinos que debaixo delas se abrigavam do sol e da chuva.

A segurança e a comodidade dos peregrinos e mais ainda o decoro e a decência das cerimónias litúrgicas celebradas ao ar livre, não permitiam que o recinto continuasse assim. Peregrinações houve em que a lama à mistura com as pedras, a irregularidade do terreno, a falta de acessos aos locais do culto, se tornavam um autêntico martírio para todos.

A afluência cada vez maior de devotos tornava ainda necessário alargar o espaço para a realização dos actos

do culto, já que se verificava a impossibilidade de construir templos para tantos milhares de fiéis.

Não hesitou, por isso, o Senhor Dom José Alves Correia da Silva, em confiar aos Serviços Técnicos do Ministério das Obras Públicas o estudo da regularização do recinto, embora estes, nessa altura, reconhecessem que «os trabalhos sucessivos da intervenção desordenada dos homens não conseguiram ampliar, ou pelo menos manter, o sentido místico inicial, nem criar beleza», (Parecer n.º 2708 do Conselho Superior de Obras Públicas acerca do antepiano de urbanização de Fátima).

A 19 de Fevereiro de 1946 deslocaram-se ao Santuário com o fim de examinar «in loco», os problemas a ele ligados e à povoação, o Ministro e o Subsecretário das Obras Públicas, Engenheiros Augusto Canela de Abreu e José Frederico Ulrich. Acompanharam-nos o Eng. Manuel de Sá e Melo, director-geral dos Serviços de Urbanização e o architecto Cotinelli Telmo, autor do projecto de urbanização. A esta reunião estiveram presentes o Bispo de Leiria, o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, António Castelinho de Sousa e Alvim, os governadores civis de Leiria e de Santarém, Dr. Acácio de Paiva e major Lino Valente, os padres Amílcar Martins Fontes, reitor do Santuário e Carlos Duarte Gonçalves de Azevedo, administrador da *Voz da Fátima* e capelão do Santuário.

O interesse ministerial por Fátima era agora bem notório. Em 8 de Novembro de 1947, já então Ministro das Obras Públicas, o Eng. José Frederico Ulrich volta ao Santuário na companhia do Eng. Sá e Melo, director dos S. U. e do Presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém, Dr. Acácio de Paiva.

Com a publicação do decreto-lei n.º 37.008, de 11 de Agosto de 1948, publicado no *Diário do Governo*

n.º 186, I série, foi fixada a zona de protecção do recinto, definida na planta anexa ao referido diploma, e estabelecidas determinadas disposições relativas à urbanização do Santuário e da povoação da Cova da Iria.

Esta zona de protecção constituía toda a área do plano de urbanização da Cova da Iria, mais tarde estendida aos lugares da Moita e da Lomba d'Égua e uma zona interdita a construção que se estendia a 60 metros, a norte e a nascente, para além das duas Casas dos Retiros, e era definida, a norte, por uma variante projectada desde a estrada nacional 356, e que, a poente, afastava a entrada principal do recinto cerca de 200 metros para poente.

Para o estudo e elaboração do projecto, mandou o Ministério das Obras Públicas fazer uma maquete. Finalmente o projecto mereceu a aprovação do Ministro, Eng. José Frederico Ulrich e do Sr. Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva.

O decreto n.º 37.008 previa a assistência técnica gratuita à Fábrica do Santuário de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, na elaboração de projectos de construção, conclusão ou alteração dos edificios e instalações desta entidade e bem assim na abertura de concursos, adjudicação, direcção e fiscalização das respectivas obras e na expropriação dos terrenos destinados aos acessos e à regularização do recinto, desde que, para o efeito, a mesma entidade pusesse à disposição do Estado as importâncias necessárias para cobrir os respectivos encargos.

Por conseguinte, ao abrigo desta disposição legal, a Junta Autónoma de Estradas, pela Direcção dos Serviços de Construção, em 16 de Junho de 1948, na sede da J. A. E., na Praça do Comércio, em Lisboa, abriu concurso público para a arrematação da empreitada de construção do acesso e ligação da E. N. 356 ao Santuário da Fátima, conforme condições patentes na Direcção dos Serviços de Construção da Junta, e na Direcção de Estradas do Distrito de Santarém. A base da licitação foi de 1.814.410\$00.

Da realização deste concurso e das consequências do mesmo, informou o Eng. Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas, o Senhor Bispo de Leiria, pelo seguinte officio:

«N.º 608 — Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Leiria. Como é do conhecimento de V. Ex.ª Rev.ª, a Junta Autónoma de Estradas abriu concurso público para a obra de regularização do recinto do Santuário de Fátima e sua ligação à variante da E. N. 356 recentemente construída pela mesma Junta.

Nesse concurso, feito com a base de licitação de 1.814.410\$00, foi obtida uma proposta, para execução dos trabalhos em 365 dias, pela importância de

1.578.536\$70. Como se torna necessário expropriar terrenos no valor de 294.218\$00, o custo efectivo total da obra atinge Esc. 1.872.754\$70. Nestas condições, de acordo com o que ficou verbalmente acordado com Vossa Excelência Reverendíssima, rogo o favor de mandar pôr esta importância à ordem da Junta Autónoma de Estradas em duas prestações, de 936.377\$35 cada — a primeira logo que possível e a segunda em Fevereiro do próximo ano — para que a adjudicação possa ser desde já feita e assim aproveitar-se ainda este verão para se dar um forte impulso aos trabalhos na melhor época para a sua execução.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência Reverendíssima os meus respeitosos cumprimentos. A Bem da Nação. Lisboa, 16 de Julho de 1948. O Ministro das Obras Públicas a) José Frederico Ulrich.»

O Prelado de Leiria não demorou a responder ao Ministro. Por isso oito dias depois, o Presidente da Junta Autónoma de Estradas mandou-lhe o officio seguinte: «A Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria. Encarrega-me Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas de acusar a recepção do cheque de Esc. 936.754\$70, que Vossa Excelência Reverendíssima se dignou remeter, em nome desta Junta, destinado à liquidação dos encargos ocasionados com a ligação, acessos e respectivas expropriações, dos terrenos necessários para a obra que ligará a E. N. 356 ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, obras que, nos termos do despacho de Sua Ex.ª o Ministro, ficarão em nome da Fábrica daquele referido Santuário.

Esta Junta vai envidar os seus melhores esforços para que elas sejam executadas o mais breve e o melhor possível.

Tenho, ainda, a honra de juntar a este officio a guia n.º 844, justificativa da entrada nos cofres desta Junta, da importância atrás referida, e do mesmo modo se procederá quando for recebida a importância a enviar mais tarde, nos termos do officio n.º 508, de 16 do corrente, remetido a Vossa Excelência Reverendíssima por Sua Ex.ª o Ministro.

Aos agradecimentos de Sua Ex.ª o Ministro, tenho eu a honra de juntar os meus com os melhores votos pela preciosíssima saúde de Vossa Excelência Reverendíssima. A Bem da Nação. Junta Autónoma de Estradas, em 28 de Julho de 1958. O Presidente a) Luiz da Costa de Sousa Macedo.»

Abertas as propostas para a empreitada da regularização do recinto e sua ligação à E. N. 356, foi a obra adjudicada ao empreiteiro Fernando Silva, de Torres do Mondego (Coimbra), pela quantia de 1.578.536\$70.

Em 2 de Fevereiro de 1949 eram iniciadas as obras de transformação do recinto das aparições de Nossa

Senhora. Para isso tiveram de ser demolidas várias construções; a colunata e os portões à entrada, as ruas que se situavam no recinto e várias edificações de particulares, as barracas de madeira e a casa onde durante muitos anos funcionou o correio e o telefone.

Os trabalhos foram orientados e fiscalizados pelo director de Estradas do distrito de Santarém, Eng. José Estêvão Abranches do Canto Moniz e pelo seu adjunto, Eng. Antunes Mendes.

Para a execução destes trabalhos adquiriu o Santuário, por expropriação amigável, terrenos a vários proprietários, pelos preços arbitrados pelos peritos da Junta Autónoma de Estradas.

Estas obras tiveram da parte do Santuário um admirável executor na pessoa do reitor Cónego Amílcar Martins Fontes. Com um zelo inextinguível, com tacto admirável, dedicação sem limites, teve de tratar com técnicos, empreiteiros, operários, e tantas pessoas que tiveram parte activa nas obras. Agarrando-se às plantas que os técnicos lhe entregavam e cumprindo o plano elaborado, o cónego Amílcar, num espírito clarividente, foi além do que o próprio ante-plano de urbanização previa, adquirindo todos os terrenos para além da própria entrada do Santuário, de forma a estabelecer ali parques para o estacionamento de carros, e antepondo-se à própria Junta Autónoma de Estradas na construção da ligação entre a E. N. 356 e a sua variante sul.

Pelo decreto n.º 37.008, os terrenos compreendidos entre a E. N. 356 e a variante sul desta estrada foram destinados ao estabelecimento dos parques de estacionamento. A J. A. E. ficou responsável pela sua execução e a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres pela sua exploração. Mas, como nem uma nem outra Entidade tiveram, até agora, à sua disposição os meios financeiros necessários para tal empreendimento, logo de início a J. A. E. se viu na impossibilidade de lhe dar execução. Tanto assim, que os técnicos da Junta Autónoma, ao elaborar os estudos da ligação central, dados os preços elevados que os proprietários pediam pelos seus terrenos, valorizados pelas obras realizadas, reconheceram que não tinham estes meios financeiros para fazer a obra. Foi então que o Santuário se propôs substituir este Organismo do Estado nos encargos e execução da ligação central e na construção de um parque com a área de 250×100 metros, destinado ao estacionamento dos carros dos peregrinos.

Das diligências efectuadas e das dificuldades encontradas deu conta a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização numa informação prestada ao Ministro das Obras Públicas. É do seguinte teor esta informação: «Ref.ª nota de 17.11.54, de Sua Excelência o

Ministro relativa à possibilidade de aquisição, pelo Santuário de Nossa Senhora de Fátima, de duas faixas de terreno destinadas a parques de estacionamento. Processo 356/PO-2-Santarém. Informa esta Direcção de Serviços: a) A área de 250×100 m indicada no esboço que acompanha aquela nota é a que, na planta parcelar da E. N. 356, ramo sul, e Parques de estacionamento, corresponde aproximadamente às parcelas n.ºs 75, 76, 77, 78, 79-A, 80, 81-A, 82 e 83 e a parte das parcelas n.ºs 81 e 82.

As parcelas n.ºs 79-A, 81-A e 82-A, resultaram de subdivisões, respectivamente, das parcelas n.ºs 79, 81 e 82, cuja necessidade se reconheceu no decurso das negociações para as expropriações.

Junta-se um extracto da planta parcelar com indicações das parcelas em causa.

b) Verificou a Direcção de Estradas de Santarém, que tem a seu cargo a elaboração dos processos de expropriação, que, dada a grande procura e consequente valorização dos terrenos, os proprietários daquelas parcelas só as cederiam por preços equivalentes àquelas por que são vendidos a particulares, lotes de terreno para construção urbana, preços estes que já atingiram presentemente duzentos escudos.

Por esta razão promoveu a expropriação judicial das parcelas n.ºs 80 e 81-A da zona acima citada.

Aguarda-se, presentemente, a decisão daqueles processos, dos quais se encontram a correr em segunda instância os recursos dos acórdãos da primeira instância. Nestes acórdãos foram atribuídos para valores dos terrenos pelos árbitros do Tribunal da Relação de Coimbra, dos expropriados da Junta, respectivamente, 50\$00, 90\$00 e 2\$50.

Destes Laudos resultou a fixação de preço médio de 70\$00, que originou o recurso. Admite-se que os proprietários das restantes parcelas — como alguns declararam — aceitem preços equivalentes aos que forem fixados judicialmente.

c) Do que se expõe calcula-se não ser possível levar a efeito a expropriação das parcelas destinadas à Avenida Central e aos Parques de Estacionamento por preço unitário inferior a cinquenta escudos.

Nestas condições, desde que a Administração do Santuário não pague preços superiores a cinquenta escudos, nenhum embaraço ocasionará ao prosseguimento das expropriações. Lisboa, 23 de Março de 1954. O Engenheiro Director a) António da Costa de Sousa Macedo.»

Este ofício foi enviado ao Presidente da Junta Autónoma de Estradas em 17 de Abril de 1954, com o seguinte despacho ministerial: «Ao Ex.º Presidente da Junta A. Estradas. Junto um croquis no qual vai

indicada a vermelho a área que o Santuário estaria disposto a adquirir, ainda mesmo ao preço de cinquenta escudos o metro quadrado, com duas finalidades:

a) ficar proprietário desse terreno, fronteiro ao recinto do Santuário e assim desaparecer o risco de um dia as autoridades permitirem ali a construção de casas;

b) aluguer ao A. C. P. para seu parque de estacionamento privativo.

Por mim, só vejo um possível inconveniente; o precedente de se aceitar um preço que nós reputamos elevado.

Peço o favor de examinar o caso e de me dizer o que a Junta sobre ele pensa. a) José Frederico Ulrich.»

A Administração do Santuário aceitou a orientação da Direcção dos Serviços de Urbanização, e durante os anos de 1954, 1955 e 1956 adquiriu os terrenos de 32 proprietários por alguns milhares de contos.

Mandou a mesma Administração, sob projecto fornecido pelos técnicos da Junta Autónoma de Estradas, construir a António Emílio Gomes, do Reguengo do Fetal, a ligação central da E. N. 356, à variante sul, obra que importou em 236.687\$30. Mais tarde foram regularizados todos estes terrenos e convertidos nos actuais parques de estacionamento, privativos do Santuário.

2) O arranjo arquitectónico

A remodelação do recinto teve como consequência a necessidade da criação de «um arranjo arquitectónico», para o conjunto dos edifícios já existentes, como a Basílica e os dois Hospitais.

A presença, cada vez em maior número, de doentes nas cerimónias efectuadas ao ar livre, tornava imperioso que se resolvessem em definitivo as instalações nos Hospitais e as más condições a que se sujeitavam estes doentes, expondo-os, por vezes, imprudentemente, ao sol e à chuva, durante a realização dos actos religiosos.

Embora os peregrinos, portadores das mais variadas e mais graves doenças, não procurassem na Fátima senão o remédio espiritual para os seus males, e a Santíssima Virgem não deixasse de operar graças extraordinárias (e estas tornavam-se mais palpáveis quando escasseavam os meios materiais de assistência clínica), a verdade é que a caridade cristã e o bom senso exigiam que aos doentes fossem proporcionados melhor assistência e maiores cuidados. Estas as razões que levaram o Senhor Bispo de Leiria a confiar ao Ministério das Obras Públicas o estudo para melhorar as condições de recepção aos doentes e de um arranjo arquitectónico de conjunto que enquadrasse a Basílica e os Hospitais na urbanização de que o próprio recinto

estava a ser alvo, com o estabelecimento de uma zona asfaltada para a permanência das multidões, e uma zona empedrada para o desfile das procissões, com 24 metros de largura que admitia filas de 40 peregrinos, e uma esplanada de 100 por 250 metros e que podia consentir 50 a 60.000 pessoas. No seu conjunto, o espaço do recinto passava a ter 200 metros de largura por 250 metros de comprimento o que dava uma área bastante superior à da Praça de São Pedro, de Roma.

Em 24 de Maio de 1949, o Ministro das Obras Públicas, Eng. José Frederico Ulrich, mandava à Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização uma nota sobre o estudo do arranjo urbanístico da Fátima, da qual constavam os seguintes pontos:

1) Os arruamentos IH e EF deverão aproveitar quanto possível a estrada antiga e conduzir somente aos parques de estacionamento junto dos edifícios laterais do Santuário;

2) As instalações para venda de artigos religiosos, estação dos CTT, informações, eventualmente PVT, etc., deverão ser previstas marginando a alameda entre a variante construída — ACB — e a praça à entrada do recinto do Santuário.

3) Deverão estudar-se, por ordem de urgência:

a) o fornecimento de água ao local da fonte que terá de ser demolida por efeito da subida do nível actual do terreno;

b) capela para substituir a existente — das «aparições»;

c) colunata ligando a Basílica aos dois hospitais;

e) remodelação das fachadas dos hospitais.

4) Torna-se necessário refundir o plano apresentado pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização corrigindo-o naquilo em que diverge do projecto rigoroso da obra em execução pela Junta Autónoma de Estradas;

5) Os estudos referidos em a) poderão ser confiados ao Arquitecto António Lino com o qual deverá a Direcção-Geral acordar nos termos da remuneração a estabelecer. Antes de mais, convirá que aquele técnico visite demoradamente o local e esboce um esquema de conjunto, mas salienta-se a extrema urgência do problema 3)-a, visto dentro em breve dever verificar-se o avanço das terraplanagens até ao local da fonte existente.

Desejaria que o Ex.^{mo} Director-Geral dos Serviços de Urbanização se ocupasse pessoalmente destes problemas e me trouxesse os primeiros elementos sobre eles no despacho do próximo dia 16 de Junho. Seria excelente que, nessa data, já me fosse presente o esquema de conjunto referido em 5).

Lisboa, 24 de Maio de 1949. O Ministro das Obras Públicas.

O Arquitecto António Lino desempenhou-se com a maior competência e dedicação da incumbência do Ministro, visitando com frequência o Santuário, elaborando uma maqueta do conjunto, a qual foi examinada na sua oficina pelo presidente do Conselho de Ministros, Prof. Dr. Oliveira Salazar e pelo Ministro das Obras Públicas. Criou uma ligação da Basílica aos Hospitais por meio de uma arcaria com um piso elevado, de forma a permitir a passagem dos doentes dos Hospitais para dois grandes espaços abertos entre a Basílica e a arcaria, a que uma série de colunas confere grandiosidade e imponência. Para melhor enquadramento, as galilés da Basílica foram remodeladas e as duas figuras de Anjos que sobre estas se encontravam, ficaram em plintos aos lados da torre da Basílica. Aproveitou-se o desnível do terreno para criptas adaptadas mais tarde para o serviço de confissões, e a ligação foi interrompida por quatro aberturas (túneis) para a deslocação dos peregrinos.

O projecto do arranjo arquitectónico do recinto incluía a remodelação das fachadas dos Hospitais e a ampliação destes, para permitir maior número de alojamentos e de salas para tratamentos clínicos. Foi concebido em estilo clássico, prevendo a aplicação de pedra rija da região da Fátima. Apenas havia ornatos nos capitéis das pilastras no acréscimo ao corpo principal da Basílica.

Aprovado superiormente, o projecto do arquitecto António Lino, técnico de rara competência, católico praticante, chefe de família numerosa, foi enviado à Reitoria em 17 de Abril de 1951 com um officio da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização. Esse officio era do seguinte teor: «Por determinação do Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Director-Geral, junto tenho a honra de enviar a V. Ex.^a Rev.^{ma} um exemplar do projecto do arranjo a efectuar no recinto do Santuário, a fim de promover a abertura de concurso limitado para a adjudicação dos trabalhos nas seguintes condições:

1 — prazo de entrega das propostas, 20 dias, a contar da data do convite.

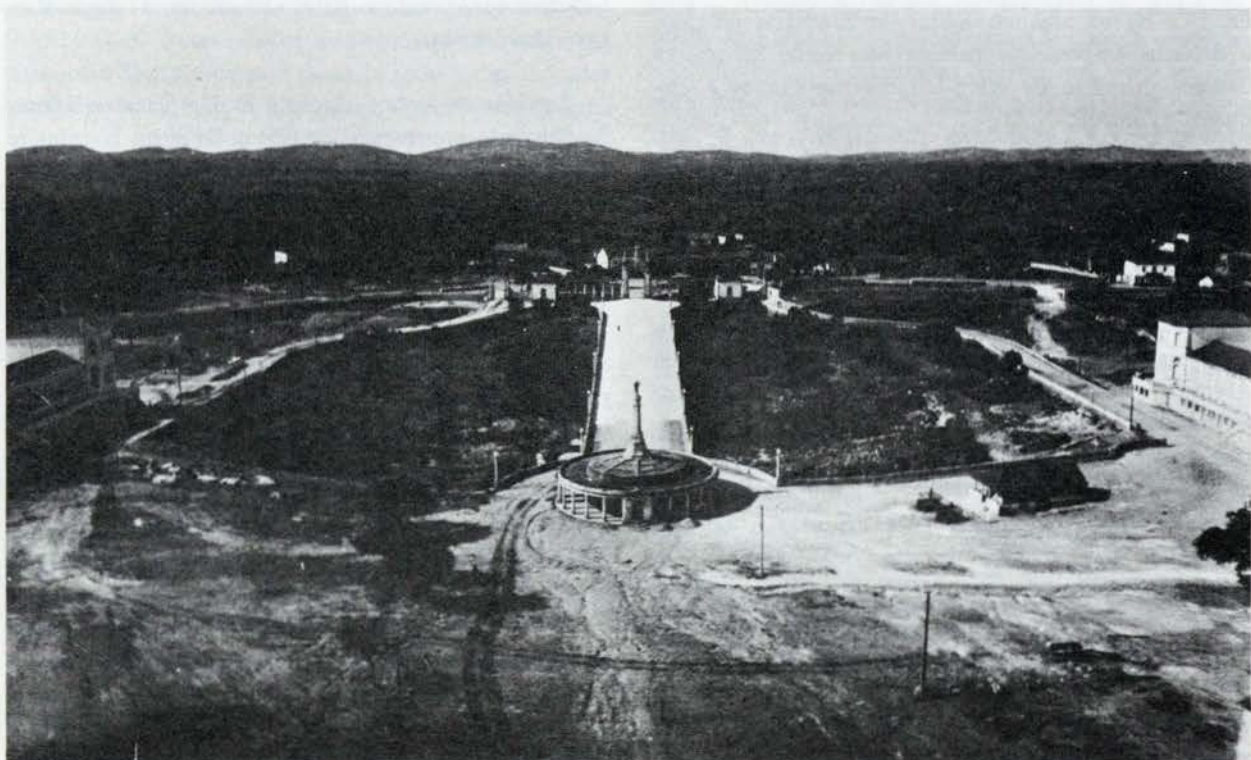
2 — prazo de execução dos trabalhos — 32 meses.

3 — Pagamentos: 1951 — até 3.000 contos. 1952 — o saldo e mais 3.000 contos. 1953 — o saldo e mais 3.000 contos. 1954 — o restante. Estes pagamentos serão feitos se os trabalhos executados o justificarem.

Mais tenho a honra de enviar a V. Ex.^a uma lista dos empreiteiros a considerar, os quais poderão consultar os projectos no local, nesta Repartição e na Direcção de Urbanização do Porto.

Repartição de Melhoramentos Urbanos, 17 de Abril de 1951. O Engenheiro Chefe da Repartição, a) Alfredo Fernandes.»

Antes da remodelação — aspecto do recinto das aparições em 1944



Em 20 de Abril de 1951 dirigia o reitor do Santuário convite a 12 empresas construtoras de Lisboa, Porto e Coimbra, para a apresentação de propostas para a construção da obra.

A base da licitação foi de 10.412.265\$14 e foi marcado o dia 20 de Maio de 1951 para apresentação e abertura das propostas. Do acontecimento foi lavrado, na secretaria do Santuário, o auto de abertura de propostas.

Concurso para adjudicação da empreitada do Arranjo Architectónico do Recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a que se referem os convites do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Reitor do Santuário, datados de 20 de Abril de 1951.

AUTO DE ABERTURA DAS PROPOSTAS

Aos vinte dias do mês de Maio de mil novecentos e cinquenta e um, às quinze horas, na Secretaria do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria, estando presente a Comissão constituída para o efeito e nomeada por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Leiria, composta do senhor engenheiro Manuel de Sá e Mello, como Presidente, e como vogais os senhores Architecto António Lino e Padre Amílcar Fontes, Reitor do Santuário, procedeu-se à contagem e abertura dos sobrescritos contendo as propostas para a adjudicação da empreitada de «Arranjo Architectónico a executar no Recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima», a que se referem os convites do Ex.^{mo} e Reverendíssimo Reitor do Santuário dirigidos a diversos empreiteiros reconhecidos como idóneos, e datados de vinte de Abril de mil novecentos e cinquenta e um.

A Comissão do concurso verificou que foram apresentadas doze propostas, tendo-se deliberado que todas fossem aceites.

Acto contínuo foram elas lidas em voz alta, pela sua ordem, como segue:

Primeira proposta — Manuel Furtado Cabeleiras Júnior, casado, construtor civil, morador em Lisboa na Avenida Sacadura Cabral n.º 32, 3.º, Esq., depois de ter tomado inteiro conhecimento do objecto da empreitada de arranjo architectónico a levar a efeito no recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, situado em Cova da Iria, compromete-se a executar a referida empreitada pela quantia de Esc. 8.680.000\$00 (oito milhões seiscentos e oitenta mil escudos). Mais declara que se compromete a apresentar todos os documentos que lhe sejam exigidos pelo regulamento geral de contratos de obras públicas. — Lisboa, 19 de Maio de 1951. a) Manuel Furtado Cabeleiras Júnior (assinatura reconhecida por notário).

Segunda proposta — Construtora Abrantina, Lda., sociedade construtora com sede em Abrantes, declara ter tomado inteiro conhecimento do caderno de encargos e planas referentes à obra da colunata a construir no Santuário de Nossa Senhora de Fátima e propõe-se executar a citada obra pelos preços e segundo as modalidades que a seguir discrimina: aplicando-se cantaria da região de Pero Pinheiro, tal como amostra entregue, por Esc. 13.288.000\$00 (treze milhões duzentos e oitenta e oito mil escudos). Aplicando-se cantaria da região de Chão de Maças, tal como amostra entregue, por Esc. 10.600.000\$00 (dez milhões e seiscentos mil escudos). Aplicando-se cantaria de calcário rijo da região de Fátima, conforme amostra entregue, em todo o trabalho, com excepção de todos os degraus e lajeado (sendo este com 0,05 de espessura e da região de Chão de Maças), por Esc. 8.739.000\$00 (oito milhões setecentos e trinta e nove mil escudos). Segundo o que determina o caderno de encargos, o volume de alvenaria prevista em caboucos é susceptível de rectificação e, para acordo, indicamos os preços, não só das alvenarias, como também das escavações em abertura de caboucos: escavação em terra compacta e rocha, para abertura de caboucos (preço médio), Esc. 13\$00 c/m³. Alvenaria hidráulica em caboucos Esc. 176\$00 c/m³. Se a sua proposta merecer aprovação, esta sociedade compromete-se a cumprir todas as formalidades legais e técnicas exigidas para bom cumprimento do contrato e boa execução da obra. Abrantes, 19 de Maio de 1951. Construtora Abrantina, Lda. O Gerente, a) Luiz Marques dos Santos.

Terceira proposta — António Emílio Gomes e Tomaz de Oliveira, empreiteiros de Obras Públicas, o primeiro residente em Reguengo do Fetal, concelho da Batalha, distrito de Leiria, e o segundo na Alameda das Linhas de Torres, n.º 57, em Lisboa, obrigam-se a executar os trabalhos do projecto de arranjo architectónico a executar no recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a que se refere o convite que lhes foi dirigido, em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso e no caderno de encargos, de que tomou inteiro conhecimento, pela quantia de dez milhões cento e setenta e nove mil seiscentos e quinze escudos (10.179.615\$00). Mais declaram que a esta importância correspondem, nos Capítulos V) e VII) do «Mapa de trabalhos» anexo ao Caderno de Encargos, os preços de oito mil escudos (8.000\$00), por altar e oitenta e oito mil escudos (88.000\$00), por estátua assente, sendo porém estes trabalhos pagos pelo preço da factura do escultor à escolha da Ex.^{ma} Administração, acrescido das despesas de transporte, mão-de-obra de montagem e lucros dos empreiteiros. Lisboa, 17 de

Maio de 1951. a) Tomaz de Oliveira — a) António Emílio Gomes (assinaturas reconhecidas).

Quarta proposta — Silva & Cardoso, empreiteiros de construção civil, obrigam-se a executar os trabalhos de Arranjo Arquitectónico no Recinto do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a que se refere a consulta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Reitor do Santuário, em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso e no caderno de encargos respectivos, de que tomaram inteiro conhecimento, pela quantia de Esc. 9.750.000\$00 (nove milhões setecentos e cinquenta mil escudos). Cova da Iria, 19 de Maio de 1955. aa) António da Silva — Manuel Cardoso. Residência, freguesia da Caranguejeira, concelho da Leiria (assinaturas reconhecidas).

Quinta proposta — Artur Fernandes Alves Ribeiro, casado, empreiteiro de obras públicas, residente em Lisboa, Avenida 28 de Maio n.º 49, obriga-se a executar os trabalhos do Arranjo Arquitectónico do Recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a que se refere o convite do Ex.^{mo} Sr. Reitor do Santuário de 1.5.951, em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso e no caderno de encargos respectivos, de que tomou inteiro conhecimento, nas seguintes condições de preço: 1) Empregando cantaria igual à da Basílica 7.400.000\$00 (sete milhões e quatrocentos mil escudos). 2) Empregando cantaria de Chão de Maçãs nos degraus e pavimentos, e cantaria igual à da Basílica na parte restante, 7.950.000\$00 (sete milhões novecentos e cinquenta mil escudos). 3) Empregando cantaria igual à das fachadas da igreja de S. João de Deus em Lisboa e também igual à aplicada no capeamento das guardas que contornam o recinto fronteiro à Basílica, 8.090.000\$00 (oito milhões e noventa mil escudos). 4) Empregando cantaria de Chão de Maçãs nos degraus e pavimentos, e cantaria igual à da Igreja de S. João de Deus na parte restante, 8.470.000\$00 (oito milhões quatrocentos e setenta mil escudos). 5) Empregando toda a cantaria na qualidade de Chão de Maçãs, 9.870.000\$00 (nove milhões oitocentos e setenta mil escudos). 6) Empregando cantaria de Chão de Maçãs em degraus e pavimentos e cantaria de Pero Pinheiro na parte restante, 10.150.000\$00 (dez milhões cento e cinquenta mil escudos). Os preços desta proposta incluem verbas para forros em vigas e cornijas interiores que correspondem aos artigos 19.º, 21.º e 22.º do capítulo V das medições as quais se presume não sejam aplicadas; nessa hipótese os preços apresentados sofrem uma redução de: para o primeiro e segundo, preços: 370.000\$00. Para os 2.º e 3.º preços 435.000\$00. Para o 5.º 580.000\$00. Para o 6.º preço: 610.000\$00. Lisboa, 19 de Maio de 1951. a) Artur Fernandes Alves

Ribeiro. Em tempo declaro que, por falta de elementos de escultura, não foi considerado nesta proposta o trabalho de fornecimento e assentamento de estátuas. a) Artur Fernandes Alves Ribeiro.

Sexta proposta — O abaixo assinado Manuel Nunes Tiago, casado, construtor civil, com escritório na Av. Almirante Reis, 96, r/c. em Lisboa, depois de ter tomado inteiro conhecimento do objecto da empreitada de Arranjo do Recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a que se refere a carta convite datada de 20 de Abril de 1951, obriga-se a executar todos os trabalhos que constituem essa empreitada, em conformidade com as condições do caderno de encargos, pela quantia de 8.352.000\$00 (oito milhões trezentos e cinquenta e dois mil escudos), empregando cantaria da região. Se a cantaria a empregar for de Chão de Maçãs, o valor da proposta será de 8.887.600\$00 (oito milhões oitocentos e oitenta e sete mil e seicentos escudos) e de 9.722.060\$00 (nove milhões setecentos e vinte e dois mil e sessenta escudos) empregando cantaria de lioz de Pero Pinheiro. Lisboa, 19 de Maio de 1951. a) Manuel Nunes Tiago.

Sétima proposta — A Sociedade de Construções Civis, Lda., sociedade por cotas, com sede na Cova da Piedade, Largo 5 de Outubro, 22, 1.º, representada pelo seu sócio gerente José Pedro Rodrigues Dias, construtor civil, declara ter tomado perfeito conhecimento do objecto que constitui a empreitada por medição da obra — Arranjo do recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima —, em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso, caderno de encargos e respectivos desenhos, sendo a cantaria macia igual à que foi aplicada na Basílica e os degraus e pavimento em pedra do tipo de Chão de Maçãs. Propõe-se executá-la pela quantia de Esc. 8.754.508\$68 (oito milhões setecentos e cinquenta e quatro mil e quinhentos e oito escudos e sessenta e oito centavos).

Sétima proposta — Variante A: Propõe-se executar o mesmo trabalho, sendo a cantaria de Chão de Maçãs, por Esc. 10.542.134\$50 (dez milhões quinhentos e quarenta e dois mil cento e trinta e quatro escudos e cinquenta centavos).

Sétima proposta — Variante B: Propõe-se executar o mesmo trabalho, sendo porém a cantaria da região de Pero Pinheiro, por 11.120.139\$52 (onze milhões cento e vinte mil cento e trinta e nove escudos e cinquenta e dois centavos). Cova da Piedade, 19 de Maio de 1951. Sociedade de Construções Civis, Lda. O Gerente a) José Pedro Rodrigues Dias (assinatura reconhecida).

Oitava proposta — Furtado & Santiago, Lda., Sociedade de Construções, com sede em Lisboa, Av. Manuel

da Maia, n.º 32, 5.º, obriga-se a executar a empreitada de «Arranjo Arquitectónico» a executar no recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a que se refere o convite datado de 20 de Abril de 1951, em conformidade com as condições do caderno de encargos, medições e orçamento de que tomou inteiro conhecimento, sendo as cantarias executadas em pedra da região de Chão de Maçãs, pela quantia de 8.749.800\$00 (oito milhões setecentos e quarenta e nove mil e oitocentos escudos), sendo os degraus e pisos na qualidade de Chão de Maçãs e a restante cantaria macia, igual à aplicada na Basílica do Santuário, pela quantia de 7.849.800\$00 (sete milhões oitocentos e quarenta e nove mil e oitocentos escudos). Qualquer que seja a qualidade da cantaria escolhida, uma pequena parte será sempre em qualidade igual à aplicada na Basílica, conforme instruções do Ex.º Sr. Arquitecto. Os trabalhos serão por medições pagos pelos preços do orçamento efectuados pela redução de praça. Contou-se com o preço base de 88.000\$00 por cada estátua na convicção de que, à vista dos modelos que nos foram fornecidos, a sua construção não exceda este preço base. Lisboa, 19 de Maio de 1951. a) Furtado & Santiago, Lda.

Nona proposta (N.º 749) — Ao digníssimo Reitor do Santuário de Fátima — Cova da Iria, Fátima — Diamantino Francisco Tojal, casado, construtor civil diplomado, morador na Vila Berta, à Graça, Vivenda Tojal, em Lisboa, obriga-se a executar as obras que constituem a empreitada de «Arranjo arquitectónico do recinto do Santuário de Fátima», nas condições do caderno de encargos, mapa de medições e respectivo projecto, pela quantia global de 8.398.245\$00 (oito milhões trezentos e noventa e oito mil duzentos e quarenta e cinco escudos). Mais declara que, na sua proposta, previu o emprego de cantaria igual à amostra que junta, e bem assim que entrou com o preço das estátuas constantes da v/ estimativa, pelo que o mesmo será deduzido ou aumentado, consoante o seu custo seja para menos ou para mais. Lisboa, 19 de Maio de 1951. a) Diamantino Francisco Tojal (assinatura reconhecida).

Décima proposta — A Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio, Lda., com sede na Rua Dr. Alexandre Braga, n.º 4-A, em Lisboa, obriga-se a executar os trabalhos do «Arranjo Arquitectónico do recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima», a que se refere o convite datado de 20 de Abril de 1951, em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso e no caderno de encargos respectivo, de que tomou inteiro conhecimento, pela quantia de 8.490.000\$00 (oito milhões quatrocentos e noventa mil escudos). Lisboa, 18.5.1951. Sociedade de Construções

Amadeu Gaudêncio, Lda. a) Ilegível. Esta nossa proposta de preço refere-se às quantidades de trabalhos mencionados nas medições do orçamento da empreitada que nos foi presente para consulta e estudo. A pedra que apresentamos é rija e da região, cuja amostra juntamos, e mereceu já a aprovação do Ex.º Sr. Arquitecto António Lino. Desta pedra poderemos fornecer todas as colunas pequenas inteiriças e torneadas. Esclarecemos que, para efeito de medições das cantarias molduradas ou redondas, tomaremos por base uma secção rectangular ou quadrada onde se circunscrevem as molduras e cauda de cada peça ou a circunferência das colunas. Está incluído no nosso preço o fornecimento e assentamento das 4 estátuas, cujos modelos nos deverão ser fornecidos. No caso de ser preferida cantaria da região de Chão de Maçãs terá a nossa proposta de preço um aumento de 540.000\$00 (quinhentos e quarenta mil escudos) e sendo preferida a cantaria de Pero Pinheiro o aumento será de Esc. 1.600.000\$00 (um milhão e seiscentos mil escudos). Lisboa, 18.5.1951. a) Ilegível.

Décima primeira proposta — SANFER, Lda., com sede em Lisboa, na Rua de São Julião, n.º 41, 1.º, obriga-se a executar os trabalhos de «Arranjo do recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima», em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso e no caderno de encargos respectivos, de que tomou inteiro conhecimento, pela quantia de 9.183.359\$97 (nove milhões cento e oitenta e três mil trezentos e cinquenta e nove escudos e noventa e sete centavos), a que correspondem os preços unitários da relação junta, acrescidos de 15 % e as medições apresentadas para efeitos de concurso. A cantaria a aplicar seria de pedra igual à amostra. No preço apresentado não incluímos as estátuas. Lisboa, 19.5.1951. Sanfer, Limitada. O sócio gerente, a) Ilegível (assinatura reconhecida).

Décima segunda proposta — A Empresa de Construções Ruy Miller, Lda., com sede em Lisboa, na Estrada de Benfica, n.º 682-C, obriga-se a executar os trabalhos de «Arranjo arquitectónico a executar no Santuário de Nossa Senhora de Fátima», a que se refere o convite datado de 20.4.51, em conformidade com as condições estabelecidas no programa do concurso e no caderno de encargos, respectivos, de que tomou inteiro conhecimento, pela quantia de 7.751.621\$09 (sete milhões setecentos e cinquenta e um mil e seiscentos e vinte e um escudos e nove centavos) e conforme a lista de preços unitários e quantidades de trabalho discriminados. Em devido tempo se esclarece: 1.º — Os preços das cantarias referem-se a cantaria das nossas pedreiras da região, de que juntamos amostra a qual

já foi examinada pelo Ex.^{mo} Arquitecto da obra. 2.º — Admitimos a hipótese de ser possível a execução, nesta pedra, das colunas numa só peça, desde que fossem estudadas no conjunto ligeiras alterações nas secções das cantarias. 3.º — Para cantaria de Chão de Maças os respectivos preços sofrem um aumento de 15 %, devendo, todavia, chamar-se a atenção para o facto dos bancos desta pedra ter espessura de 0,65 a 0,70 no máximo. Nestas condições, cantarias com espessura superior dificilmente se poderão obter sem apresentarem «linhas» ou «lesins». Mais declaramos que, no caso da empreitada nos ser adjudicada, nos obrigamos a entregar no prazo indicado toda a documentação exigida. Lisboa, 19.5.51. Empresa de Construções Ruy Miller, Lda. O Gerente-Delegado, a) Ilegível.

E não havendo mais nada a tratar se encerrou o presente auto que, depois de lido em voz alta e achado conforme, vai assinado pelos membros da Comissão do Concurso que nele tomaram parte.»

Da apresentação destas propostas estabeleceu a Comissão um mapa comparativo de preços, qualidade de materiais e condições de execução da obra. De todo este trabalho resultou a seguinte Informação do Reitor do Santuário: *Informação* — «Do estudo das propostas apresentadas, cujos valores se discriminam no mapa comparativo anexo, verifica-se que três soluções podem ser adoptadas:

1) — Cantaria igual à da Basílica — Proposta de Artur Fernandes Alves Ribeiro, por 7.752.000\$00, ou, com cantaria de degraus e pisos de Chão de Maças, por 8.302.000\$00.

2) — Degraus e pisos em Chão de Maças e a restante cantaria rija de Fátima — Proposta de Furtado & Santiago, Lda., por 7.849.800\$00.

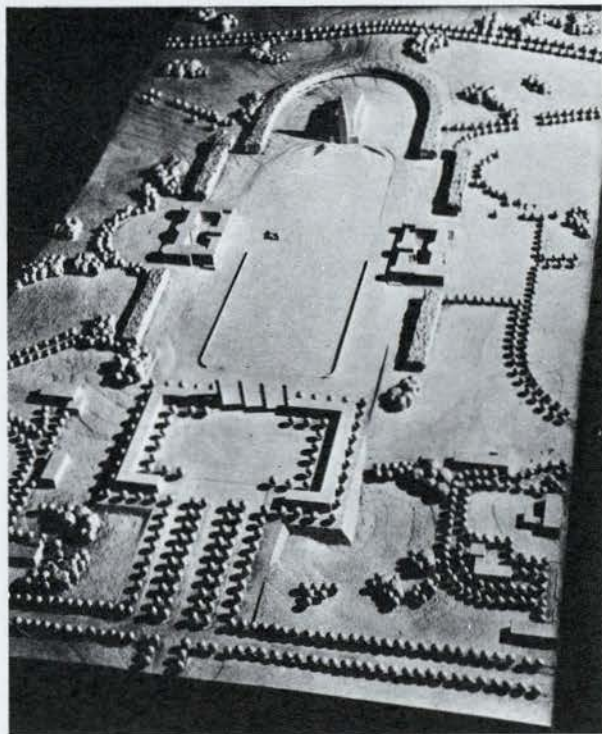
3) — Cantaria de calcáreo rijo de Fátima — Proposta da Empresa de Construções Ruy Miller, Lda., por 8.103.621\$09.

Contudo, a Comissão, embora reconheça que a proposta mais económica é de Artur Fernandes Ribeiro, com o emprego de pedra igual à da Basílica, por 7.752.000\$00, julga preferível, atendendo à qualidade da pedra e em especial ao emprego de pedra de Chão de Maças nos pisos e degraus, e ainda à pequena diferença de 97.800\$00, a proposta de Furtado & Santiago, Lda., com degraus e pisos em pedra de Chão de Maças e a restante cantaria rija de Fátima, por Esc. 7.849.800\$00. 20 de Maio de 1951 — A Comissão — aa) Manuel de Sá e Melo — António Lino.»

A obra foi adjudicada pelo Santuário a Furtado & Santiago, Lda. como consta de uma declaração do respectivo reitor datada de 20 de Março de 1952.

«*Declaração* — P. Amílcar Martins Fontes, reitor do Santuário de Nossa Senhora da Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, declara que a adjudicação da obra do Arranjo Architectónico do Santuário de Nossa Senhora, não obedeceu a qualquer arrematação pública, mas simplesmente à aceitação da proposta feita pela firma Furtado & Santiago, Lda., proposta esta apresentada em face do convite feito por este Santuário em carta datada de 20 de Abril de 1951, e na adjudicação dos trabalhos não interveio a Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, nem outra entidade que não fosse este Santuário, e não fez para tal fim qualquer escrito, contrato ou escritura pública. A proposta referida foi feita com base nas condições constantes do caderno de encargos facultado pelo Santuário, do qual constam as modalidades de pagamento, não tendo, portanto, intervindo outra entidade que não fosse exclusivamente o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, o qual abriu concurso limitado, para a mesma adjudicação, e que, finalmente, compulsando as propostas recebidas, optou por a da firma Furtado & Santiago, Lda.»

Maqueta do arranjo architectónico do recinto do Santuário, mandada fazer pelo Ministério das Obras Públicas, antes da aprovação ministerial do projecto de remodelação iniciada em 2 de Fevereiro de 1949



Em Junho de 1951 deu-se início à construção. Todas as cantarias foram fornecidas pela firma Pardal Monteiro, Lda., de Pero Pinheiro. Durante mais de 3 anos trabalharam na construção da Colunata, escadaria e remodelação da entrada da Basílica, centenas de operários. A fiscalização técnica das obras foi confiada, ao abrigo do decreto n.º 37.008, ao Eng. Egas Monteiro de Barros, director dos Serviços de Urbanização do distrito de Leiria, técnico de muito valor que prestou ao Santuário relevantes serviços, tanto na orientação técnica dos trabalhos, como no fornecimento de muitos elementos pelo seu Gabinete de Urbanização: levantamentos topográficos, desenhos, cálculos e estudos.

Com os trabalhos de demolições, movimento de terras, alvenarias, revestimento de paredes, cantarias, betão armado, construção de rampas de acesso, e outros concernentes a esta obra gastou o Santuário de Nossa Senhora a quantia de 11.681.431\$00, importância esta proveniente de esmolas entregues para o culto, sem comparticipação monetária por parte do Estado.

Na colunata foram colocadas 4 estátuas de santos portugueses com a altura de três metros e vinte centímetros: S. João de Brito, do escultor António Duarte; S. João de Deus, escultura de Álvaro de Brée; Beato Nuno de Santa Maria, do escultor Barata Feio; e de Santo António, da autoria do escultor Leopoldo de Almeida. Todas estas estátuas são de mármore de Pero Pinheiro e foram executadas nas oficinas de Pardal Monteiro, Lda. (1). Além disso a colunata foi enriquecida com a colocação de uma via-sacra, da autoria do pintor Lino António, feita de cerâmica policromada, na Fábrica Viúva Lamego, de Lisboa, e cujo importe foi de 500 contos.

Entretanto o recinto era enriquecido com diversos elementos arquitectónicos, concebidos pela arte e devoção do arquitecto António Lino. À volta de uma azinheira que se encontrava nas proximidades da Capela das Aparições e que é tida como «testemunha» das aparições da Virgem aos três pastorinhos, e que, por essa razão, ali se conserva e é chamada «azinheira grande», construiu-se um murete com grade de ferro para impedir que lhe cortem ramos como recordação.

Para a celebração das missas campais ergueu-se no alto da escadaria um altar de pedra com 4,5 m com a protecção de baldaquino e de guarda-vento transparente. Levantaram-se no recinto colunas de pedra encimadas por artísticos candeeiros para iluminação pública. O interior da colunata é iluminado por candeeiros semelhantes, desenhados pelo mesmo arquitecto.

Em 5 de Abril de 1956 procedeu-se à remodelação e ampliação do Hospital que passou a designar-se por «Hospital Senhora das Dores». O projecto é do arquitecto António Lino com a aprovação do Senhor Bispo

de Leiria. O edifício foi aumentado de dois pisos e passou a dispor de salas para operações, tratamentos cirúrgicos, lava-pés dos peregrinos, salas para albergar os doentes e os servitas.

Aberto concurso entre vários construtores convidados pelo reitor, Cônego Amílcar Martins Fontes e apreciadas as propostas pelo Eng. Egas Monteiro de Barros, director dos Serviços de Urbanização de Leiria (2), técnico das Obras do Santuário, ao abrigo do decreto-Lei n.º 37.008, foi entregue a construção civil do hospital (paredes e cobertura) ao empreiteiro António da Silva, da Caranguejeira. As cantarias, de pedra da região, foram fornecidas por Francisco da Silva Marques da Fátima.

(1) De 1960 a 1970 a colunata foi ainda enriquecida com doze estátuas de santos que mais se distinguiram pela sua devoção mariana, oferecidas pelas Ordens e Congregações por eles fundadas. Assim: em 1960 foi oferecida a estátua de S. João Bosco e S. Domingos Sávio, pela Congregação Salesiana. É escultura de Alfredo Barradas. No mesmo ano, a Congregação dos Padres Monfortinos ofereceu a estátua de S. Luís Maria Grignon de Monfort, escultura de Soares Branco. Em 5 de Junho de 1960 os missionários redentoristas ofereceram a estátua de Santo Afonso Maria de Ligório, obra de Maria Amélia Carvalheira da Silva. Em 17 de Agosto de 1964 os Irmãos de La Salle ofereceram a estátua de S. João Baptista de La Salle, obra de Victor Santos. A Companhia de Jesus ofereceu e entregou em 27 de Setembro de 1967 a estátua de Santo Inácio de Loyola, obra de Maria Amélia Carvalheira da Silva. As Irmãs de Nossa Senhora da Visitação ofereceram em 12 de Agosto de 1968 a estátua de São Francisco de Sales. As Filhas de S. Vicente de Paulo, os Padres Lazaristas e Conferências de S. Vicente de Paulo ofereceram em 19 de Julho de 1961 a estátua do seu santo patrono, obra de Sousa Caldas. As Ordens do Carmo ofereceram em 7 de Agosto de 1962 a estátua do seu fundador, São Simão Stock. A 12 de Outubro de 1968, a Congregação dos Padres Passionistas entregou a estátua do seu fundador, São Paulo da Cruz. Os Irmãos Maristas fizeram entrega da estátua do seu fundador, Beato Marcelino Champagnat, em 20 de Maio de 1967. O autor é Vasco Pereira da Conceição. Em 10 de Maio de 1970, os Padres Carmelitas e as Irmãs Carmelitas Descalças, Seminários carmelitas e Ordens Terceiras do Carmo, ofereceram as estátuas de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz, esculturas de Maria Amélia Carvalheira da Silva.

(2) Em 23 de Abril de 1963, a Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém mandou ao Reitor do Santuário o seguinte ofício: «A pedido da Direcção de Urbanização do Distrito de Leiria e tendo em conta a conveniência de normalizar a situação, voltando à Direcção de Urbanização do distrito de Santarém uma actividade que, sem dúvida, lhe cabe, tenho a honra de solicitar de V. Ex.ª se digne providenciar no sentido dos assuntos referentes à urbanização dos aglomerados desse concelho, nomeadamente de Fátima, serem, de futuro, tratados através da Direcção de Urbanização do Distrito de Santarém.»





Religiosas num curso nacional

Autoridades de Leiria e de Cáceres



Medalha Comemorativa do I Concílio do Vaticano

Na passagem do primeiro centenário do I Concílio do Vaticano, resolveu o Episcopado Português da Metrópole mandar cunhar em bronze uma medalha comemorativa, da autoria do escultor Manuel da Silva Nogueira.

O número dos exemplares é bastante reduzido. O seu preço é de 280\$00 cada exemplar. Foi feita uma edição numerada cujo preço é de 325\$00. O exemplar número 1 foi oferecido ao Santo Padre.

A medalha pode ser adquirida através do Seminário de Leiria (Secretaria) e do Secretariado Geral do Episcopado (Universidade Católica — Rua da Palma de Cirna — Lisboa 4) e em casas da especialidade.



LEITURA E SIMBOLOGIA

Anverso: A figuração das chaves e tiara é uma alusão ao **Poder das Chaves e Primado de Pedro** e de seus Sucessores, tema desenvolvido e definido no Concílio Vaticano I. As velas acesas e a luz das estrelas simbolizam a **Revelação** e a **Fé** sobre cuja doutrina se debruçou o mesmo Concílio.

Na Cartela, a legenda «1869 - Vaticano I - 1870. 1.º Centenário». O Concílio Vaticano I realizou-se em 1869-1870, passando agora o primeiro centenário sobre aquela data.

Reverso: A teoria das mitras alude à presença dos Bispos reunidos sob a Presidência do Sumo Pontífice (O Vaticano I foi um concílio ecuménico). A pomba, simbolizando o Espírito Santo, significa a presença e assistência do mesmo Espírito Santo nas decisões conciliares. As estrelas significam a luz que o Concílio Vaticano I fez irradiar sobre a Igreja e o mundo. O Concílio Vaticano I preparou o **Vaticano II**.

Autor da Medalha: Escultor Manuel da Silva Nogueira.

